

# O uso do desenho como comunicação nas afasias

*The use of drawing as communication in aphasias*

Maria Cristina de Almeida Freitas Cardoso

Centro Universitário Metodista IPA  
Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil

Marlise Bisso

Centro Universitário Metodista IPA  
Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil

Adrian Conci Braga

Centro Universitário Metodista IPA  
Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil



**Resumo:** A afasia é uma perturbação que atinge a linguagem dos sujeitos acometidos por afecções neurológicas em diferentes níveis linguísticos, tanto na oralidade quanto na escrita. Este artigo busca referenciar o desenho utilizado por sujeitos afásicos como comunicação escrita, sob a ótica do discurso. Foi solicitado a oito sujeitos afásicos que escrevessem quatro palavras a partir da sua imagem e uma frase por pedido oral. Os resultados foram de: três sujeitos não apresentando qualquer produção, evidenciando comprometimento na compreensão da ordem; dois realizando desenhos; dois com desenhos e escrita; e um somente escrita. Os dados encontrados consolidam a ideia de (re)significação da linguagem utilizada por estes sujeitos.

**Palavras-chaves:** Afasia; Escrita; Linguagem; Discurso

**Abstract:** Aphasia is a language disorder caused by neurological diseases. It affects language in written and oral aspects. This paper aims to analyze drawings used by aphasics as written communication. Eight aphasic participants were asked to write four words and one sentence derived from a picture shown. The results were the following: three participants did not show any disturbance in production and were able to understand the oral request; two participants did drawings only; two others produced both drawings and written answers; one of them only wrote, without drawing. The data brought by the study consolidate the idea of a (re)signification of the language used by this population.

**Keywords:** Aphasia; Writing; Language; Discourse

## Introdução

Este estudo parte da inquietação quanto às formas de comunicação escrita empregadas por sujeitos diagnosticados com afasia, observadas na clínica fonoterapêutica, na tentativa de justificá-las e na proposição de uma intervenção apropriada.

Maria Irma Hadler Coudry (1986; 1988: 205; 2008: 8) através da análise de interlocuções com afásicos, conceitua a afasia como uma perturbação nos processos de significação, em que há alterações em um dos níveis linguísticos, com repercussão em outros, no funcionamento discursivo. Conforme a autora, a afasia é causada por lesão adquirida no sistema nervoso central em

virtude de acidentes vasculares encefálicos, traumatismos cranioencefálicos e/ou tumores, sendo acompanhada, em geral, por alterações de outros processos cognitivos e sinais neurológicos, como: hemiplegia, agnosias, apraxias e discalculia.

Ana Paula Santana (2002: 17) a partir do conceito de Maria Irma Hadler Coudry (1986; 1988: 205), define a afasia como a alteração dos processos linguísticos e argumenta que este termo serve tanto para designar as alterações da linguagem verbal oral como as da linguagem verbal escrita.

Os estudos atuais da neuropsicologia evidenciam a linguagem como parte de um sistema cognitivo complexo, como afirma Ana Paula Santana (2002: 15-19), na sua

análise crítica sobre a linguagem verbal escrita sob uma visão da afasiologia tradicional. A autora conceitua a leitura e a escrita como atos de linguagem. Este sistema cognitivo complexo dá-se pela conectividade entre as áreas cerebrais, que são evidentes, como o encontrado nos dados sobre a relação entre a leitura e a neuroimagem em diferentes ortografias de Eraldo Paulesu, Nicola Brunswick e Federica Paganelli (2010: 16).

Ana Paula Santana (2002: 09-19) questiona a dissociação entre a linguagem verbal oral e escrita encontrada nos testes de avaliação da afasia, assim como apresenta o seu desapareço ao não se considerar a linguagem escrita como uma atividade linguístico-discursiva. Ao mesmo tempo, a autora conjectura que a proximidade entre os processos de oralidade e da escrita implica numa mudança de conceito de linguagem na afasiologia tradicional, na qual a linguagem escrita estaria restrita ao *output*.

A atividade linguístico-discursiva é estudada pela neurolinguística discursiva, que se constitui por um conjunto de teorias e práticas, cuja concepção de linguagem permeia a língua, o discurso, o cérebro e a mente como “construtos humanos que se relacionam”, de acordo com os dados de Maria Irma Coudry (2008: 7-36), que refere ser o “contrário de uma visão organicista”.

A leitura e a escrita realizadas pelos afásicos evidenciam-se de forma distinta no funcionamento da linguagem, ao se comparar o processo de aquisição vivenciado pela criança e o déficit constitutivo da afasia, como analisam Maria Bernadete Marques Abaurre e Maria Irma Hadler Coudry (2008: 177-178), tratando-se de operações de natureza diversas.

A relação entre os processos da oralidade e os da escrita é estabelecida pela mediação da fala durante a aquisição da linguagem verbal escrita, assim como as áreas cerebrais responsáveis pela linguagem verbal oral explicam a função neuropsicológica da escrita. Os processos neurofisiológicos (mecanismos cerebrais e processos cognitivos) necessários para a linguagem verbal escrita são mais complexos que os da linguagem verbal oral (SANTANA, 2002: 26-27).

Leonor Scliar-Cabral (2010: 43-47), a partir de evidências empíricas, afirma que os neurônios que compõem as regiões envolvidas no processamento da linguagem verbal oral são biopsicologicamente programadas e dependentes da exposição e interação linguística, sendo que para os responsáveis pelo reconhecimento da palavra escrita o mesmo não ocorre, devido a diferenças estruturais e funcionais do cérebro humano. Segundo a autora, a região no sistema nervoso central que se especializa para o reconhecimento da palavra escrita é a região occípito-temporal ventral esquerda, cujos neurônios não são programados para o

seu reconhecimento, mas esse se torna possível através da aprendizagem, pela plasticidade neuronal, por especialização das regiões secundárias e terciárias e pelas interconexões entre as várias regiões da linguagem e da cognição.

O processo de aprendizagem da linguagem verbal escrita se dá pelo reconhecimento da articulação de traços gráficos invariantes de que resultam os grafemas para representar os fonemas, ambos com a função de distinguir significados (SCLiar-CABRAL, 2010: 43-47).

De acordo com Ana Paula Santana (2002: 32) a compreensão da linguagem verbal escrita se dá inicialmente através da linguagem falada, mas esta via é gradualmente reduzida, desaparecendo como “elo intermediário” e adquirindo um caráter de simbolismo direto e passando a ser percebida da mesma maneira que a falada.

Com base nestes dados, como interpretar a escrita de um grupo de afásicos que utilizam o desenho como comunicação escrita?

Podemos considerá-lo como um processo de significação como o estruturado pela criança no processo de aquisição da escrita?

Alessandra Capovilla e outros autores (2004: 190-191), ao identificarem as estratégias de leitura no início da alfabetização, citam o modelo de desenvolvimento de leitura explicado por Alessandra Capovilla e Fernando Capovilla (2003; 2004: 205), no qual afirmam que a aquisição de leitura e escrita se dá por três estágios: “o logográfico, em que a criança trata a palavra escrita como representação pictoideográfica e visual do referente” (considerando como um desenho, não se atendo à correspondência entre fonemas e grafemas); “o alfabético, em que, com o desenvolvimento da rota fonológica, a criança aprende a fazer a decodificação grafo-fonêmica” (e a escrita fica sob o controle da fala); e “o ortográfico, em que, com o desenvolvimento da rota lexical, a criança aprende a fazer leitura visual direta de palavras de alta frequência” (percebe que as palavras envolvem irregularidade nas relações entre os grafemas e os fonemas).

As rotas de processamento dos níveis da leitura (modelo cognitivo de Dupla-Rota, ou seja: o lexical e o fonológico) são propostas por Andrew Ellis (1995: 154). Estas rotas iniciam-se com o sistema de análise visual, que tem como função a identificação das letras do alfabeto, a sua posição em cada palavra e o seu grupamento. Este processamento visual ocorre na área cerebral responsável pelo *sistema de análise visual*, no qual ocorre a transformação da informação recebida em um código de letra, que é encaminhado ao *sistema de reconhecimento visual*, o qual é ativado e resulta na identificação da palavra. Com a identificação da palavra,

ativa-se o significado que se encontra “arquivado” no sistema de produção fonêmica, produzindo um código fonológico para a pronúncia da palavra e enviada para a memória fonêmica.

A rota fonológica utiliza o processo de conversão grafema-fonema. Já a rota lexical compreende as representações de milhares de palavras familiares que são armazenadas em um léxico de entrada visual, que é ativado pela apresentação visual de uma palavra (ELLIS, 1995: 154).

Em Ana Paula Santana (2002: 32) encontra-se que o desenho é um estágio preliminar na aquisição da linguagem escrita pelas crianças e o seu desenvolvimento se dá pela representação do objeto em desenho (“desenho de coisas”) e destes para o desenho de palavras. Os símbolos escritos funcionam como designações de símbolos verbais.

**Método**

Este artigo é um estudo transversal de caráter analítico, cujo fator em análise é o desenho na comunicação escrita do afásico, realizado junto a um grupo de oito sujeitos acometidos por um acidente vascular cerebral e/ou traumatismo cranioencefálico, em tratamento fonoterapêutico para afasia iniciado entre 2007/2009.

Para este grupo foi requerido, em junho de 2010, que escrevessem os nomes das seguintes figuras: sol, nuvem, estrelas e televisão; assim como a frase: “O dia está ensolarado”. As figuras foram mostradas através de imagens em um net book e solicitado que escrevessem o nome das mesmas. A frase foi fornecida oralmente, junto com a ordem: “escreva” e após, foi lhes solicitado que apontassem e lessem o que haviam escrito.

Os sujeitos deste estudo e/ou seus responsáveis concordaram com a divulgação de suas produções conforme o previsto na resolução 196/96, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para o uso de produções (fala, escrita ou de voz) das Clínicas Integradas do IPA, anexo Hospital Parque Belém de Porto Alegre/RS. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Metodista do IPA em 05/11/2008.

**Resultados**

A produção escrita destes sujeitos foi de: três não realizaram qualquer obra, evidenciando dificuldades na compreensão da ordem; dois apresentaram escrita com letras (Figuras 4 e 5); um com desenho e letras (Figura 2); e dois somente com desenho (Figuras 1 e 3).

Os sujeitos autores das Figuras 1 e 3 não realizaram a escrita das frases. O sujeito autor da Figura 4 somente escreveu a frase e o autor da Figura 5 realizou o solicitado.

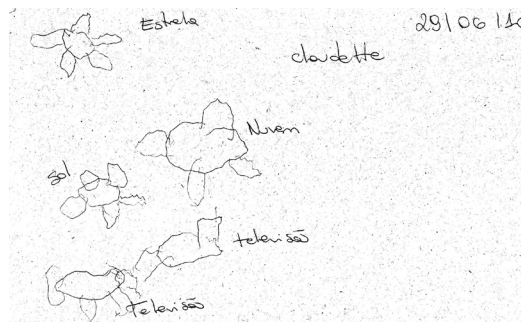


Fig. 1 – Produção escrita do sujeito 1

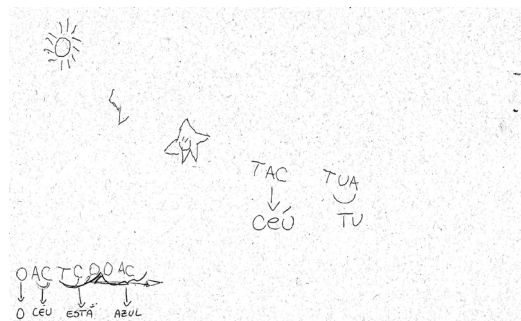


Fig. 2 – Produção escrita do sujeito 2

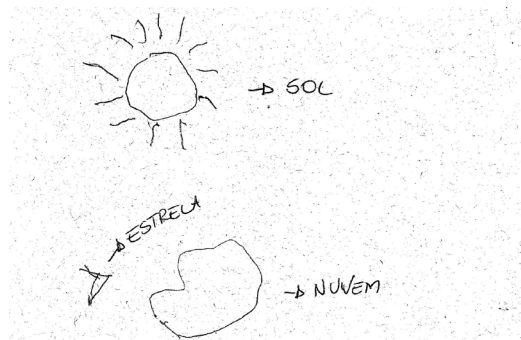


Fig. 3 – Produção escrita do sujeito 3

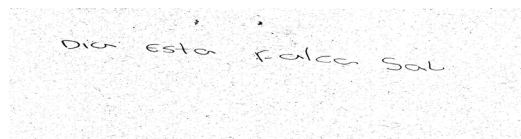


Fig. 4 – Produção escrita do sujeito 4

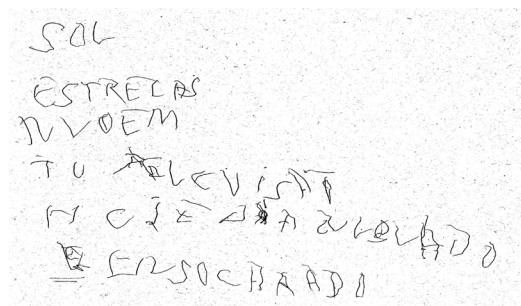


Fig. 5 – Produção escrita do sujeito 5

As frases ilustradas nas Figuras 2, 4 e 5 apresentaram substituições e inclusões de palavras diferentes das solicitadas. A amostra da frase da Figura 2 é composta: “O céu está azul”; da Figura 4: “O dia está ... ficou ensolarado”; e da Figura 5: “Hoje o dia está ensolarado... ensolarado”.

## Discussão

O funcionamento da linguagem de um sujeito afásico dispõe de recursos de produção e interpretação, os quais podem ser afetados em diferentes medidas pelo acometimento neurofisiológico, o que gera diferenças individuais quanto ao desempenho linguístico. A afasia interrompe e/ou modifica a dinâmica entre o automático e o voluntário, havendo uma interrupção no fluxo do discurso, devido a um distúrbio nas condições em que organiza a língua (o sistema sonoro, fonoarticulatório, lexical, sintático e pragmático), em que as palavras não estão mais disponíveis facilmente, ou totalmente indisponíveis (COUDRY, 2008: 7-36).

Estas modificações são encontradas na linguagem oral e na escrita, podendo ser interpretadas e reorganizadas pelo ambiente discursivo como sugere Maria Irma Coudry (2008: 7-36), ao afirmar que o sujeito afásico, “em um ambiente discursivo, produz rearranjos para falar por diferentes trajetos que, de maneira geral, se apresentam como uma relação não oficial”. Conforme a autora, este sujeito não utiliza a linguagem em sua forma original, mas como um produto de um trabalho linguístico-cognitivo que circula por diferentes sistemas verbais e não verbais.

Maria Irma Coudry (2008: 7-36) conjectura que “a afasia nos remete para além da língua quando se trata da tradução do dizer por meio de outros sistemas semióticos, ou seja, de signos não verbais – que podem ser verbalizados” e, através dos seus dados, mostra que há a possibilidade de “tradução inter-semiótica em estados de afasia”, que se mostram como “processos alternativos de significação, a tradução do gesto para a palavra, do desenho para a palavra e do objeto para a palavra, conjugados a segmentos das palavras pretendidas”.

As Figuras 1, 2 e 3 apresentadas nesse estudo podem ser consideradas como a etapa inicial da (re)construção da escrita, em que há a representação do real, ou seja, um processo alternativo para *dizer* o que se pretende, como coloca Maria Irma Coudry (2008: 7-36), visto que a linguagem verbal oral desses sujeitos se mostra restrita para a seleção de palavras e, assim, através do desenho, podem constituir o seu discurso.

Silvia Sell Duarte Pillotto, Maryahn Koehler Silva e Leticia T. Mognol (2004) afirmam que rabiscar, desenhar e escrever são formas construídas para manifestar-se expressivamente e comunicar-se de maneira objetiva e/ou subjetiva.

De acordo com Viktor Lowenfel e W. Lambert Brittain (1977: 448) os diferentes estágios do desenvolvimento gráfico dão-se num processo contínuo. Os autores denominam estes estágios em: garatujas, pré-esquemático, esquemático e realismo.

No estágio das garatujas são observados rabiscos desordenados, havendo organização e o controle do traçado aos poucos. No estágio pré-esquemático observam-se as primeiras tentativas de representação do real, em que há a consciência da forma e a criança comunica-se “através das imagens dos seus desenhos, embora as figuras ou objetos apareçam, ainda, de forma desordenada, podendo haver variações consideráveis nos seus tamanhos”. No estágio esquemático desenvolve-se o conceito da forma e seus desenhos passam a “simbolizar o que pertence ao seu meio, de maneira descritiva”. E no estágio do realismo existe simbolização nos desenhos, observando-se a consciência do autor “de si e do seu ambiente natural”, gerando uma autocrítica (LOWENFEL, 1977: 448).

Os estágios do grafismo levam à construção de significação através da constituição da escrita.

Ao considerarmos as produções dos sujeitos desse estudo numa etapa inicial de grafismo, observamos que estas variam entre os estágios pré-esquemáticos e esquemáticos, mas reforçamos a possibilidade de elas representarem processos de significação que permeiam e estruturam a relação com a linguagem, como o encontrado na análise entre o agramatismo realizado pelos afásicos e o estilo telegráfico das crianças ressaltado por Maria Bernadete Marques Abaurre e Maria Irma Hadler Coudry (2008: 171-191).

Para Maria Bernadete Marques Abaurre e Maria Irma Hadler Coudry (2008: 171-191) a compreensão da relação entre a linguagem do afásico e o processo de aquisição de representação escrita da criança propicia o reconhecimento de indícios de procedimentos de significação cruciais para o processo de “(re)elaboração linguística” de ambos.

Desta forma, passamos a considerar o desenho como uma forma inicial que o afásico utiliza para reorganizar a sua linguagem ou, como sugere Heloisa de Oliveira Macedo (2004: 526-531), no desenho se visualizam “os caminhos alternativos que os sujeitos afásicos (letrados) podem percorrer para alcançar a oralidade, caminhos estes que se caracterizam pela relação estabelecida entre o sujeito e a linguagem escrita em uma sociedade letrada”.

A “escrita” estruturada na Figura 2 mostra certo conflito entre as etapas pré-esquemáticas e esquemáticas do grafismo, associado à elaboração de uma hipótese de construção da escrita, visto que o sujeito autor desta amostra inicia a sua produção através do desenho e depois passa a utilizar letras ou grafemas.

As hipóteses de construção da escrita são descritas por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1999: 300) pela

conceituação de suposições estabelecidas nos níveis pré-silábico, silábico e alfabético, existindo etapas intermediárias entre esses.

O nível pré-silábico se caracteriza pela ausência de vínculo entre a fala e a escrita, podendo fazer uso de letras. O nível intermediário I evidencia alguma relação entre pronúncia e a escrita, ao mesmo tempo em que desvincula a escrita dos desenhos (imagens) e dos numerais. O nível silábico estabelece a representação entre a escrita e a fala, passando a dar valor sonoro às letras. O nível intermediário II institui que a escrita representa o som da fala, havendo a combinação de sons. O nível alfabético compreende a escrita como uma função social e a construção do código da escrita (FERREIRO;TEBEROSKY, 1999: 300).

Este conflito entre as etapas do grafismo e as hipóteses de construção da escrita também é evidenciado pelo autor da Figura 5, pois utiliza o desenho de um sol e (re)significa-o escrevendo ensolarado.

O sujeito autor da Figura 4 poderia sugerir uma hipótese de construção da escrita em nível intermediário II a partir dos dados de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1999:300), mas por se tratar de um processo de (re)construção da linguagem, sua escrita evidencia a etapa alfabética definida por Alessandra Capovilla e Fernando Capovilla (2003; 2004:205), pois mostra o foco da sua escrita na sua oralidade.

A reestruturação da linguagem pelos afásicos intercala os seus processos de significação e a impossibilidade de dizer, selecionar e combinar palavras para que o discurso possa fluir, tanto através da oralidade como da escrita, pois eles não mais dispõem dos recursos expressivos para significar, ao mesmo tempo em que experimentam outros processos de significação que ajudam na tradução dos signos e estabelecem a equivalência na diferença e na possibilidade de integrar signos de outros sistemas (COUNTRY, 2008: 7-36).

A integração dos sistemas neuronais é possibilitada pela plasticidade neuronal que permite uma reciclagem e novas articulações dos neurônios; pela arquitetura neuronal que torna os resultados dos processamentos de linguagem mais complexos e abstratos, assim como a interconexão de diferentes regiões sensoriais distintas necessárias ao processamento de significação; e pela matriz cognitiva que permite o armazenamento da informação de forma crescente, através das interações sociais, como coloca Leonor Seliar-Cabral (2010: 43-47), ao interpretar as bases biológicas para o reconhecimento da palavra escrita.

O processo terapêutico permite vivenciar a possibilidade da interpretação por meio da seleção de processos alternativos de significação como afirma Maria Irma Coudry (2008: 7-36), através de diversas formas de linguagem (gestos, elementos da situação, ditos anteriores, conhecimento partilhado e de experiências).

Analisar a representação escrita do afásico a partir de uma perspectiva discursiva nos permite avaliar e possibilitar processos alternativos de significação ou (re)significação, por meio de recursos terapêuticos de produção e interpretação da linguagem.

Para Maria Irma Coudry (2008: 7-36) a perspectiva discursiva possibilita ao afásico “(re)dizer o novo” através de “silêncios com expressividade, palavras que não são ditas, palavras ditas, segmentos de palavras, não-palavras e palavras que involuntariamente se apresentam, entremeadas pela presença do corpo, de gestos, percepções, associações, objetos e ações”.

Acrescentamos os dados de Heloisa de Oliveira Macedo (2004: 526-531) quanto aos textos produzidos por sujeitos afásicos revelarem situações interlocutivas, cujo sentido será dado pela oralidade e pela escrita em condições dialógicas, colocando-se como sujeitos na linguagem, na comunicação e na interação com o outro. Conforme a autora, a escrita passa a “constituir-se como uma possibilidade de dizer”, significando o objeto, a ação ou a percepção.

Esta possibilidade de (re)significar a percepção e o “dizer” pode ser verificada nas amostras das frases ilustradas das Figuras 2, 4 e 5, nas quais os sujeitos substituíram ou inseriram, respectivamente: “... céu... azul”, “... ficou...” e “hoje...”.

A partir do enfoque fonoterapêutico na comunicação tem-se como resultado modificações no funcionamento da linguagem verbal (tanto oral como escrita), como evidenciado nos resultados de Heloisa de Oliveira Macedo (2004: 526-531).

## Conclusão

A afasia é um distúrbio de linguagem que acarreta modificações linguístico-cognitivas, evidenciadas na significação e nos diferentes níveis linguísticos, comprometendo a oralidade e a escrita.

A representação da linguagem verbal escrita através do desenho demonstra ser uma etapa em que o sujeito afásico está (re)significando a sua linguagem, inicialmente no nível de grafismo pré-esquemático, de forma a exprimir o seu discurso.

A interpretação do desenho ou das hipóteses de escrita estabelecidas pelos sujeitos afásicos pode beneficiar a comunicação entre eles e os terapeutas ou pesquisadores, pois pode facilitar situações interlocutivas e dialógicas, assim como pode favorecer o estabelecimento de relações com a oralidade.

## Referências

ABAURRE, Maria Bernadete Marques; COUDRY, Maria Irma Hadler. Em torno de sujeitos e de olhares. *Estudos da Língua(gem)*, v. 6, n. 2, p. 171-191, 2008.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; CAPOVILLA, Fernando César. *Problemas de leitura e escrita: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica*. 3. ed. São Paulo: Memnon, 2003.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; CAPOVILLA, Fernando César. *Alfabetização: Método fônico*. 3. ed. São Paulo: Memnon e EDIPUSP, 2004.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo

Fernanda Ferracini; CAPARROTTI, Nayá Bellintani; CARVALHO, Marlene Ribeiro de; RAAD, Alexandre José. Estratégias de leitura e desempenho em escrita no início da alfabetização. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 8, n. 2, p. 189-197, 2004.

COUDRY, Maria Irma Hadler. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. Análise de interlocuções com afásicos. 1986. [s.p] Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986.

COUDRY, Maria Irma Hadler. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

COUDRY, Maria Irma Hadler. Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução. *Estudos da Língua(gem)/Estudos em Neurolinguística*, v. 6, n. 2, p. 7-36, 2008.

ELLIS, Andrew W. *Leitura, escrita e dislexia: uma análise cognitiva*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999. 300 p.

LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1977. 448 p.

MACEDO, Heloísa de Oliveira. Caracterização das práticas discursivas escritas no Centro de Convivência de Afásicos (CCA). *Estudos Linguísticos XXXIII*, p. 526-531, 2004.

PAULESU, Eraldo; BRUNSWICK, Nicola; PAGANELLI, Federica. Cross-cultural differences in unimpaired and dyslexic reading: Behavioral and functional anatomical observations in readers of regular and irregular orthographies. In: McDOUGALL, Siné; BRUNSWICK, Nicola; DAVIES, Paul de Mornay. *Reading and dyslexia in different orthographies*. USA and Canada: Psychology Press, 2010. p. 249-272.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; SILVA, Maryahn Koehler; Mognol, Letícia T. Grafismo infantil: linguagem do desenho. *Linhas, 2007* – periódicos.udesc.br. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1219/1033>. Acesso em: 30 ago. 2010.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. Evidências a favor da reciclagem neuronal para a alfabetização. *Letras de Hoje*, v. 45, n. 3, p. 43-47, 2010.

Recebido: 04 de setembro de 2011

Aprovado: 24 de novembro de 2011

Contato: mcardoso@via-rs.net

mbisso\_64@hotmail.com

jinzero@bol.com.br